

Contradições do capitalismo

**Pedro Ferreira e
Renato Fragelli**



A recente valorização cambial e da Bolsa de Valores, na esteira da divulgação de pesquisas de opinião que identificaram uma queda da avaliação favorável ao governo Dilma, constitui um exemplo interessante da contribuição dos mercados financeiros para o bom funcionamento da democracia. Longe de agirem mancomunadamente contra uma candidatura que há três anos lhes impõe grandes perdas, a atuação dos “especuladores”, assim como em certo sentido ocorreu em 2002, favorece o PT.

Em 2002, quando o então candidato Lula começou a despontar nas pesquisas eleitorais, investidores temerosos de que a chegada do PT à Presidência da República traria um repúdio da dívida pública começaram a retirar seus recursos do país. A crescente fuga de capitais provocou uma gra-

dual desvalorização cambial. A cotação do dólar, que havia começado aquele ano em R\$ 2,30, alcançou R\$ 3,70 logo após o primeiro turno no início de outubro e R\$ 3,95 às vésperas do segundo turno. No rastro da desvalorização cambial, sobreveio uma grande pressão inflacionária. Tendo-se situado em torno de 0,5% ao mês durante o primeiro semestre, a inflação atingiu 3% ao mês (42% ao ano) no momento em que os eleitores depositavam seus votos nas urnas.

O faro político de Lula levou-o a apresentar aquela acelerada elevação dos preços como evidência da má gestão do governo FHC em final de mandato. Na tarefa de convencimento, Lula contou com a traumática lembrança dos incômodos gerados pelo apagão do ano anterior. Para muitos a argumentação do candidato mostrou-se convincente. Disposto de inigualável capacidade de comunicação, Lula foi beneficiado pela crise de confiança por ele próprio gerada (embora uma guinada para o centro ao longo da campanha, com a divulgação da Carta aos Brasileiros, por exemplo, tenha sido também importante). Assim, sua eleição contou com a paradoxal colaboração dos “especuladores capitalistas” que deveriam lutar por sua derrota.

Neste ano de 2012, mais uma vez, os “especuladores” estão auxiliando o partido que lhes é adverso. Como bem registrado em 10 de abril neste espaço por Mario Mesquita, muitos fatores como a elevação da taxa Selic pelo Banco Central, acompanhada da perspectiva de lenta retirada dos estímulos monetários quantitativos nos EUA, e a fuga de capitais da Rússia após a crise na Ucrânia, para citar apenas alguns, contribuíram para a melhoria do mercado brasileiro. Mas é inegável o impacto da queda da avaliação favorável ao atual governo, identificada por recentes pesquisas de opinião pública. Logo após a divulgação das novas pesquisas, houve significativa entrada de capitais, a ponto de derrubar a cotação do dólar da faixa de R\$ 2,4 para R\$ 2,2. Também os preços das ações de estatais abaladas pela temerária gestão petista, como Petrobras e Eletrobras, tiveram notável recuperação.

A valorização cambial ajudará no combate à inflação, beneficiando a candidatura Dilma. A recuperação do valor de mercado da Petrobras, por sua vez, dificultará a tarefa da oposição ao tentar demonstrar para os eleitores o quão deletéria foi a manipulação política da empresa. Como explicar essa atitude contraditória do “mercado financeiro”

que, em vez de trabalhar em favor da eleição de candidatos da oposição, ajuda a reeleger uma candidata que se lhe mostrou hostil em várias ocasiões?

O resultado da soma de pequenas racionalidades individuais é uma grande irracionalidade coletiva

O fenômeno é um exemplo típico daquilo que a literatura especializada denomina de Problema da Ação Coletiva. Diante de uma eventual derrota da atual presidente, os investidores preveem uma mudança da política econômica que, depois de implantada, levaria a uma valorização das ações. Para o mercado financeiro, portanto, seria uma bênção a mudança de governo. Isso deveria estimulá-lo a ajudar os partidos que lhe fossem favoráveis, e não o contrário.

Ocorre que o mercado financeiro — isto é, o conjunto dos investidores que atuam descoordenadamente — não age em uníssono como preveem as mais variadas teorias conspiratórias esquerdistas e populistas. Cada investidor, ao constatar que a probabilidade de reeleição da atual presidente diminui, identifica

uma possibilidade de lucro na elevação futura das cotações, o que o leva a antecipar para já suas ordens de compra. A soma das ações individuais provoca a imediata valorização das ações e do câmbio que, como descrito acima, beneficiam a campanha de reeleição do PT. Por esse mecanismo, cada especulador, movido por sua ganância, contribui para a perda coletiva que resultaria da continuidade do governo que todos eles gostariam de ver fora do poder. O resultado da soma de pequenas racionalidades individuais é uma grande irracionalidade coletiva.

A experiência de 2002 e 2014 deveria inspirar a esquerda brasileira, tal como ocorrido na Inglaterra de Tony Blair e na Espanha de Felipe González, a rever seus empoeirados conceitos. Mas é provável que ela identifique nesses episódios apenas mais um exemplo daquilo que a literatura marxista grandiloquentemente denomina contradições do capitalismo, embora, claro, a contradição mor — o inexorável fim do capitalismo — pareça tão distante quanto na época que foi prevista por Marx, há mais de 150 anos.

Pedro Cavalcanti Ferreira e Renato Fragelli Cardoso são professores da Escola de Pós-graduação em Economia (EPGE-FGV)